

1.11 O EXÍLIO DO COMUM

[THE EXILE OF THE COMMON]

MARCIA SÁ CAVALCANTE SCHUBACK¹

<https://orcid.org/0000-0002-4153-1428>

Södertörn University – Estocolmo, Suécia

Resumo: O presente ensaio discute o motivo do “exílio” em relação ao pensamento do ser-em-comum ou da comunidade em Jean-Luc Nancy. Partindo de um questionamento sobre a medida do comum na desmesura do mundo contemporâneo, investiga os traços de um pensamento do exílio na obra de Nancy e de que maneira o exílio por ele compreendido como asilo no exílio do próprio pode aprofundar o pensamento sobre o ser-com.

Palavras-chave: Exílio; asilo; medida; ser-com; desmesura

Abstract: This essay discusses the motif of "exile" in relation to the thought of being-in-common or community in Jean-Luc Nancy. Starting from a question about the measure of the common in the unmeasure of the contemporary world, it investigates the traces of a thought of exile in Nancy's work and how the exile he understands as asylum in the exile of the proper can deepen the thought of being-with.

Keywords: Exile; asylum; measure; being-with; unmeasured

A *comunidade inoperada* começa com uma citação de Hölderlin que na tradução de Lacoue-Labarthe soa:

*...toujours subsiste une mesure
commune à tous, bien qu'à chacun
aussi en propre part,
Vers où se rend et va chacun
autant qu'il peut*¹

Esses versos abrem a questão da comunidade – tanto como questão da comunidade por vir como do porvir da questão da comunidade – ao interpelar uma medida que sempre subsiste; uma medida comum a todos e a cada um, e na parte de cada um. A questão de uma medida comum sempre subsistente abre a questão da comunidade inoperada (*désœuvrée*), ou seja, de uma comunidade sem fundo nem fundamento, de uma comunidade que “...não pode se enquadrar no domínio da obra. Não a produzimos, fazemos a experiência (ou a sua experiência nos faz) como experiência da finitude” (NANCY, 2016, p. 63). Sem fundo, sem fundamento, sem razão de ser, a questão da comunidade toca, no entanto, aquela de uma “medida comum”, que Nancy vai desenvolver como a “medida do com”, pois a comunidade diz respeito unicamente ao ser-com, ao com enquanto “o primeiro traço do ser, o traço da singular pluralidade da origem ou das origens nele”, nas palavras de Nancy. É preciso, portanto, pensar a questão da comunidade – seja ela porvir ou que ela questione essa fórmula do “por vir” sempre perigando se tornar uma fórmula vazia; é preciso pensá-la em relação a essa “medida do com” sempre subsistente enquanto “comum a todos” e “a cada um”.

É em *Être Singulier Pluriel (Ser singular plural)*, livro sem o qual *A Comunidade Inoperada* e os ecos afrontados e desconfessados dificilmente poderiam ser compreendidos² que Nancy dedica uma reflexão mais extensa à “medida do com”. “É

¹ Os versos de Hölderlin são de *Pão e Vinho*. Na tradução de Paulo Quintela, dizem:

...uma medida sempre se mantém

A todos comum, as a cada um também uma própria lhe é dada

Para lá vai e lá chega cada um como pode (Cf. HÖLDERLIN, 1991, p. 255).

² Depois da *Comunidade Inoperada* de 1986 e reeditada com alterações em 2004, Nancy retomou a questão da comunidade em várias obras, dentre elas: *La Comparution* (1991), com Jean-Christophe Bailly, *La communauté affrontée* (2001), *La communauté désavouée* (2014).

preciso pensar”, ele diz, essa medida; mas para fazê-lo é também e até sobretudo preciso pensar o sentido desse “é preciso”. Pois não se trata de um imperativo ou de uma necessidade postulada pela razão e nem mesmo pelo seu “fato” – o fato da razão. Trata-se de um “é preciso” que se impõe por um “colocar-se a nu” do próprio mundo. Nessa discussão sobre a medida do com, Nancy faz bastante uso da expressão verbal “*mettre à nu*”, colocar a nu, e isso com relação à violência pela qual é possível ser perfurado por como “A inumanidade violenta do capital nada mais expõe do que a simultaneidade do singular – mas posta como a particularidade indiferente e intercambiável da unidade de produção, e do plural – só que posto como uma rede da circulação de mercado” (NANCY, 1996).

Em várias obras, textos e passagens pode-se ler e reler como a violência mais extremamente destruidora do ser singular plural *é* o ser singular plural. Como compreender essa predicação tão violenta? Não simplesmente no sentido de uma revelação, seja ela expositora ou fenomenologizante, mas no sentido de colocar a nu “um absoluto da existência como ser singular plural “por essa violência inumana, fazendo-se violência a essa violência”. “Pois o que ela coloca a nu, ela violenta” (NANCY, 1996, p. 98). A violência se violenta – aqui não se trata mais de dialética, seja positiva ou negativa, platônica, hegeliana ou adorniana e nem do extenso arquivo de pensamentos da superação do capital metafísico do Ocidente. É um “colocar a nu e ao vivo” que deixa à flor da pele – daí o sentido fundamental da *expeausition*³, quando Nancy fala de “exposição” e “exposura”. É que não há nada a não ser o “há” que possa nos salvar, ou seja, nos saudar. Todavia, isso não deve ser entendido no sentido de “conversão”, de um outro contrário ao mesmo, por mais que a palavra conversão surja em vários textos de Nancy. Nancy fala mais de “concomitância” dos sentidos quando a violência do comércio da mercadoria coloca a nu o comércio do ser junto. Fala também de um jogo onde o “ser-com” se escamoteia ao mesmo tempo que se exhibe em sua nudez (NANCY, 1996, p. 98). Aqui, porém, cabe não esquecer que o que esse colocar a nu toca é no fato de a “violência do capital propiciar a medida do que está exposto” (NANCY, 1996, p. 98). A violência inumana coloca a nu que “o ser-com singular plural”, eu cito, “é a única medida, absoluta,

³ *Expeausition* é um termo cunhado por Nancy, que soa como *exposition*, exposição, mas traz *peau*, a pele, significando uma exposição que deixa à flor da pele.

do ser ele mesmo ou da existência”. O excesso violento do capital, do mundo imundo, dá a medida incomensurável do ser-com singular plural.

A medida colocada a nu pela violência desmesurada do mundo imundo onde o valor perde seu valor tão logo nada mais caiba a não ser o valor monetário, é a medida do valor do próprio valor, ele mesmo inestimável, expondo a concomitância do sem valor e do inestimável que Kant entendeu como dignidade [*Würde*]. O que se coloca a nu é como o indigno do sem valor *toca* a dignidade do inestimável, toca ao ser por ele tocado; é como equivalência geral de todos e todas – esta que torna tudo intercambiável e substituível de acordo com o fantasma de um só parâmetro aplicado a tudo e a todas as coisas – toca a “igualdade de todas as origens-de-mundo”, elas mesmas estritamente insubstituíveis, desigualdades perfeitas do incomparável “por serem todas igualmente umas com as outras” (NANCY, 1996, p. 98-99). É esta medida do com que não é um parâmetro único aplicado a tudo e a todas as coisas, essa medida do ser-com singular plural, essa medida em comum da desigualdade inestimável do cada vez de cada “um (a)”, origem-de-mundo, sendo elas mesmas iguais umas com as outras – que nos cabe apreender e pensar.

Ser singular plural – essa medida em comum - pronuncia um “nós”, que como bem observou Werner Hamacher, está bem mais próxima do “nous” grego do que não importa qual ideia de um sujeito, seja entendido como “auto-fundação e auto-produção egóica” ou como uma composição intersubjetiva de sujeitos (NANCY, 1996, p. 98). Esse “nós” é como escreve Nancy “cada vez qualquer um assim como “cada um” é qualquer um” (NANCY, 1996, p. 98), “um por um e um com um...”, a co-existência muda e sem “nós” de todo universo, coisas, animais e gentes” (NANCY, 1996, p. 98). Esse “nós” sem nós – seja no sentido de uma auto-produção ou de uma composição intersubjetiva – é portanto a co-existência muda de todo o universos que se *expeause* como entre-nós, que expõe o entre enquanto “verdadeiro lugar” de ser (NANCY, 1996, p. 99). Segundo Nancy, esse nós que nada é senão o entre nós é o “prévio absoluto, o mais recuado de toda ontologia” (NANCY, 1996, p. 100) e precisamente por isso o que se mostra como a grande “exigência ontológica”, “o efeito mais tardio, mais difícil, menos apropriável” (NANCY, 1996, p. 100).

A injunção ontológica desse recuo, dessa dificuldade e inapropriabilidade remete aos fantasmas do mesmo e do outro, do *auto* e do *heteron*, e à exigência de acabamento e locupletação de um *auto kath'auto*, [mesmo por ele mesmo] que diz não somente a

supremacia do ser como também a sua solidão: o ser é sozinho, o ser é a parte, o absoluto de um fechamento de si dentro de si, para si. No entanto, é nesse absoluto cumprido no automatismo autista do mesmo se revirando em torno de si mesmo de maneira a desfazer o fazer-se de mundos, que o absoluto do mesmo, essa tremenda força de destruição, não tendo nenhuma relação a não ser consigo mesmo, coloca a nu a relação como o único absoluto (NANCY, 2016, p. 30-31). É também neste absoluto do mesmo enquanto separação que se separa de tudo que a sua separação consegue se separar da própria separação, que a sua distância, tomando distância de tudo, coloca a nu como a distância é ao mesmo tempo a condição de toda proximidade. Mas como sair do absoluto do mesmo se auto-absolutizando? Nancy insiste que o ser em si mesmo não se deixa contrariar pelo regime de um pensamento da alteridade. Do outro de si ao si mesmo do outro, dos outros ao outro absoluto, o pensamento contemporâneo não se libera do fantasma do mesmo, pois segundo Nancy, “O outro não é pensável e necessário de ser pensado a não ser desde o momento em que o si mesmo aparece e aparece para si como “mesmo” (NANCY, 1996, p. 101). O outro e as suas alteridades recolocam em cena a alteridade especular da consciência de si, ou seja, da consciência de si como outro de si. Nancy mostra, de maneira muito concisa, mas bem clara, que é por este desdobramento ou duplicação de si se sabendo outro de si que o si mesmo se abre ao outro, mas aí mesmo se fecha ao outro. A lógica da alteridade, da alteridade pura às alteridades múltiplas, reforça, não obstante, a lógica do mesmo, pois se abrindo ao outro, o mesmo se projeta sobre o outro, se fechando ao mesmo tempo ao entreaberto do outro. Dizendo “tu és o outro”, o outro é ao mesmo tempo incluído e excluído, integrado e segregado. O que sempre está faltando, o que é saltado, esquecido e abandonado é o “com”, o entre lugar do com. Como então sair dessa dialética do mesmo e do outro – pivô em torno do qual toda a tradição filosófica no Ocidente circula e pela qual o mundo se imundializa? Como sair dessa dialética do mesmo e do outro, que se ressent, salta e abandona a cada momento de sua história – o com do ser, o com de ser?

A obra de Jean-Luc Nancy é o abandono dessa dialética, ao abandonar-se ao abandono do ser para *escutar* o abandono do ser-com singular plural. Seu pensamento do abandono **do** ser se abandonando ao abandono **de** ser, um abandono muito sutil pois o que desaparece é o definido enquanto pronome de ser – esse pensamento coloca a nu as aporias dos muitos pensamentos do exílio, ele coloca em questão o *topos* do exílio à base

da tradição filosófica do Ocidente. Pois o Ocidente filosófico, o Ocidente do pensamento do ser em si para si – é o Ocidente do exílio de ser, o ser exilado de ser. Para compreender um pensamento que abandona o ser se abandonando a ser singular-pluralmente, seria preciso pensar o exílio segundo a medida do com. Todavia, no sentido de um com que traz a marca de um *com-sem-com*, o estigma da existência exilada⁴.

Como pensar o exílio segundo “a medida do com sem com”? Encontramos um pensamento do exílio em Jean-Luc Nancy? A palavra “exílio”, ele pronuncia raramente. Ele fala de exílio mais em termos de “abandono”. Em *L’Imperatif Catégorique* (O Imperativo Categórico), publicado em 1983, onde Nancy apresenta uma leitura iluminadora do imperativo categórico de Kant, encontramos formulações bem precisas sobre o abandono do ser. Como ele diz: “o ser abandonado já começou a formar, sem que saibamos, sem que possamos realmente saber, uma condição incontornável para o nosso pensamento e talvez mesmo a sua única condição” (NANCY, 1983, p. 141). Trata-se não apenas do ser que “se diz ter abandonado todas as categorias e os transcendentais”, mas do ser que cessou de se dizer de múltiplas formas, que abandonou sua singularidade plural – ao se dizer ser fundado em si para si e por si e, assim, o ser fundador de tudo que é. Trata-se do abandono dos múltiplos modos de dizer ser quando ser se diz – “é”, conjugando-se apenas a si mesmo, na terceira pessoa, “é”, impondo “a formidável aderência a si mesmo, imóvel e muda, de uma esfinge de pedra no deserto, em nosso deserto” (NANCY, 1983, p. 143). O ser abandona seu ser singular plural, ele abandona suas maneiras infinitamente finitas de se dizer, tornando-se “mudo” e imóvel, voltado e se voltando para si-mesmo, como uma esfinge em nosso deserto. O deserto do ser, o deserto de ser – nessas suas expressões encontramos o cenário da ontologia do abandono e do exílio à base da fundação do Ocidente filosófico, ou seja, da filosofia e de seu Ocidente compreendido como uma busca de fundamento e fundação de si e de todo outro. Na *Comunidade Inoperada*, onde Nancy propõe um pensamento sobre o “mito interrompido”, sobre a fundação enquanto mito dos mitos narrados a cada vez nos mitos de fundação, ele fala do “exílio misterioso” e da “ausência prolongada” de onde parecia vir aquele que, dentre eles, ou seja, dentre aqueles provindo de uma pluralidade prolífera, se imobiliza num lugar singular, à distância, mas no âmbito de visão dos outros... para

⁴ Sobre “com sem com”, permito-me remeter ao livro que fiz juntamente com Jean-Luc Nancy, *Being with the without* (2013), a meu livro *Time in Exile: In Conversation with Heidegger, Blanchot and Clarice Lispector* (2020) e a Werner Hamacher, *Mit ohne mit* (2021).

entabular a narrativa de uma fundação que reuniu os outros” (NANCY, 2016, p. 81). O ser abandona o ser, o ser se abandona, de tal maneira que ele abandona o ser mesmo do abandono, e o faz se imobilizando, como esfinge do deserto, se dizendo, na língua de Parmênides, “é” e assim emudecendo a sua proveniência infundada, sem razão nem porquê, na finitude infinita. Como é possível então hoje saber essa proveniência, se ela foi abandonada por este Ocidente que nada mais fez do imobilizar a proveniência enquanto “profusão dos possíveis”, enquanto origens singulares plurais, ao insistir em recitar sua proveniência como “é”, “ele é” [*il est*], “ele” – a esfinge do deserto que, como diz Nancy, “se nomeia Deus, História, Sujeito, Ilusão, Existência, Fenômeno, Poesis, Praxis”? (NANCY, 1983, p. 143) Como sabê-lo? Como fazer a sua experiência? A resposta de Nancy é: Mas nós já o sabíamos. Como? Porque somos nascidos. Pois, “não nascemos no abandono? O grego e o trágico – aquele de Édipo? O judeu e o exilado – aquele de Moisés? Um e outro definidos ou destinados pelo abandono a ponto de não sabermos onde começa e acaba a figura, nem até onde um é judeu e até onde o outro grego. Eles são abandonados no nascimento: ou seja, desde o princípio, no seu princípio, e assim destinados indefinidamente a nascer” (NANCY, 1983, p. 143). Há muita coisa para se comentar nessa passagem. Mas para o escopo aqui proposto, é o exílio de ser, o exílio trágico de Édipo, o exílio exilado de Moisés enquanto exílio do nascimento, o nascimento como exílio que nos permite sempre já sabermos dessa proveniência enquanto proveniência de nada, de origem alguma, proveniência enquanto profusão dos possíveis, pois esta é sempre *muda*, sem palavras em todas as palavras de ser⁵. Muda como Paul Celan descreve o mutismo num fragmento intitulado *MUTA*, enquanto “*Ein Bogen, hinauf/Ins Vielleicht einer Sprache, gespannt*”, um arco elevado, tensionado ao talvez de uma língua⁶. Nascimento enquanto exílio de ser, enquanto abandono de ser no ser – reencontramos nessas expressões uma primeira dimensão do deslocamento do *topos* filosófico do exílio sugerido pelo pensamento de Jean-Luc Nancy.

Em que sentido seria correto falar de um deslocamento do *topos* filosófico do exílio, se esse topos é justamente aquele de uma compreensão da existência enquanto existência exilada? Num colóquio sobre a “clínica do exílio”, que teve lugar em Veneza em 2001 e

⁵ Em português “muda” é ao mesmo tempo muda de planta e muda sem palavras, indicando ainda mais claramente como, sem palavras, é muda de um nascer.

⁶ Cf. CELAN, 1997, p. 63. E o breve comentário desse fragmento feita por Werner Hamacher, em *Mit ohene mit*, 2021, p. 51.

do qual participaram Massimo Cacciari e Moshe Idel, Jean-Luc Nancy apresentou uma pequena conferência intitulada “Existência exilada” (NANCY, 2001). Ele parte do fato de a existência exilada ser o *topos* onde a tradição ocidental, a tradição filosófica, se reconhece; ele se pergunta, no entanto, se é de fato preciso salvaguardar esse *topos* numa situação como a nossa, a situação do mundo exilado do mundo. Não obstante esse *topos* da existência como exílio seja antigo – quer como a odisséia greco-romana ou como a queda judaico-cristã, ele sofre uma transformação na modernidade quando o horizonte de retorno antes sempre presente desaparece e a existência se descobre como um exílio sem retorno e sem recurso. De uma parte o exílio expõe a arqueo-teleologia que dominou o sentido do sentido não somente da existência, mas também do movimento e da temporalidade do deslocamento, e, de outra parte, ele expõe a saída, a cesura, a interrupção desse movimento de sentido. Mas nesses dois sentidos de exílio, enquanto arqueo-teleologia do sentido e enquanto interrupção de sentido, o que recua é o sentido de *exul*, ou seja, de *ambulare* e, portanto, o sentido de um abandono em sentido absoluto. “Ser abandonado é ficar sem guarda e sem cálculo” (NANCY, 1983, p. 144).

Exílio diz um abandono, um deixar que sempre já começou e que nunca termina. Sempre ainda nessa conferência de Veneza, pode-se ler que este abandono não é, contudo, o abandono de um lugar próprio ou de um lugar do próprio, mas o abandono do próprio como lugar: é o abandono do ser, ou mais incisivamente, o abandono de ser. Esse abandono é o que os exílios contemporâneos, exílios cumpridos como extermínio e deportação colocam a nu. O que estes exílios cumpridos na deportação e extermínio colocam a nu é a “obsolescência”, usando um conceito de Günther Anders, de toda dialética do exílio. Os exílios contemporâneos colocam a nu como o esquema arqueoteológico exílico se encontra à base de toda dialética, que vê a negatividade como uma atividade que põe em movimento os movimentos da existência. Mas se o exílio foi pensado entre esses dois extremos, aquele da arqueo-teleologia do sentido e aquele da cesura do sentido, dos filhos do exílio bíblico à expropriação absoluta da deportação, o que significa pensar o exílio segundo a “medida do com sem com”? Diz em primeiro lugar pensar o exílio como o próprio, sem nenhuma dialética, um exílio sem retorno e sem chegada, o si-mesmo como exílio, diz Nancy nessa conferência. Nesse sentido, isto equivaleria admitir que o exílio é o próprio e que este próprio nada mais é do que o existir existindo. Exílio seria então asilo. Nancy nos convida a repensar o exílio como asilo e

não como um movimento em direção a um além ou em busca de um asilo (conforto, salvação). Se o exílio é em si mesmo asilo, não há mais partida ou chegada; e sobretudo não há uma imobilização num “é”. Dizer ‘exílio é asilo’ remete, bem diferentemente, a um tempo do abandono, que é “nosso tempo, nossa época”. O tempo do abandono é um tempo sem tempo, um tempo “que nunca suspende o seu voo”. Pois, “o que é abandonado, o que se abandona só é na passagem, na inclinação, na oscilação – “entre o inapreensível e a apreensibilidade” e a síncope; e isso mesmo, a passagem, a o desaparecimento, a supressão não é” (NANCY, 1983, p. 147). De fato, ele acrescenta, não se pode nem mesmo dizer a passagem, o desaparecimento, a supressão, o correr, o fluxo, a duração. E ainda menos a síncope (NANCY, 1983, p. 147). O tempo do abandono é o tempo de um esvanecer incessante, sem nenhuma pro-nomeação definida. Exílio é asilo não simplesmente no sentido de que a existência se reconheceria como existência exilada só que com a diferença de ela não mais buscar uma proveniência originária ou um destino redentor. Exílio é asilo num sentido inteiramente outro, a saber, enquanto existência *transitiva*. Mais que um trânsito, o que o exílio enquanto o próprio, ou seja, como asilo coloca a nu, é a transitividade de ser, a transitividade da existência, a existência existindo cada um – nos existindo, te existindo, me existindo, vos existindo. Eis o dom miseravelmente abençoado da existência exilada, esta de não só ter como resto a existência se existindo – pois contrariamente ao que disse Hannah Arendt, no exílio, o que resta não é mesmo a língua.

Nancy desenvolve mais extensamente o pensamento da transitividade de/do ser, de ser sendo - *être étant* – eis como ele reescreve *Être et temps*, ser e tempo [o que parece claro quando essas expressões – *être étant* / *Être et temps*, são ouvidas em francês] – nos seus escritos mais tardios, dentre os quais, em *Sexistence* [Sexistência] (NANCY, 2017)⁷. Este pensamento encontra-se, porém, já formulado em outros termos com relação ao abandono exilado do ser, na sua reformulação do imperativo categórico kantiano. A existência exilada no sentido de existência transitiva – do existente existindo cada um, cada um a cada vez, se faz voz e se deixa ver na dor crua e no esgarçamento cru desse mundo que “sai todo dia da boca de milhões de refugiados, deportados, sitiados, rebaixados, violados, arrebatados, excluídos, exilados e expulsos” (NANCY, 1996, p.

⁷ É surpreendente como a linguagem de Nancy sobretudo em *Sexistence* se torna tão próxima da linguagem literária de Clarice sem nenhuma influência dela sobre ele.

12). O abandono do exílio de ser deixa o homem abandonado e diz a cada vez, *Eis o homem abandonado ao abandono. Ecce homo* – encontramos nas páginas finais de *O Imperativo categórico* uma bonita compreensão das palavras bíblicas e também nietzscheanas *Ecce homo*. Eis o homem abandonado ao abandono de ser – essa frase é compreendida como o abandono à lei, uma lei que não é mais a lei do prescritivo, mas do constativo – a lei que diz: “Eis”, “veja aqui”, *Vois ici*. Olhe bem para aqui – trata-se de um olhar no sentido de um respeito, de um *respectus*, de um *re-spicere*, que Nancy descreve como “um olhar para trás, virado para o adiante do abandono” (NANCY, 1983, p. 150), um olhar que respeita e considera o abandono do ser abandonado a ser sem porquê nem fundamento, sem razão nem finalidade. Como se pode ler: “ele se revira – não para se ver, mas para se receber, para se receber como ente abandonado a ser, como sendo sem retorno e sem recurso”. Trata-se também da dor do exílio e do abandono do amor, mas para receber que, sem abandono, não há amor. Pois não há amor sem se abandonar.

Tornado o imperativo categórico do olhar que respeita e considera o ser abandonado a ser e assim do olhar constativo e não mais prescritivo, a lei do abandono não idealiza o exílio ao se reconhecer como o próprio e o asilo. A lei do abandono, ela que constata – eis, veja aqui – ela que escuta uma voz, que afirma nesse olhar e nessa escuta o sem lugar de cada aqui, “aqui é agora”, abandona-se à escuta da transitividade muda da existência se existindo, te existindo, nos existindo tal “uma corda que responderia” (Celan), para retomar um outro verso do fragmento *Muta* citado anteriormente, onde Paul Celan escuta em francês “corde” o que a sua língua sofrida colocada em parênteses diria com *Saite* ou *Fiber*.

Este abandono do ser a ser, à transitividade do existir é também o abandono de uma língua, o abandono ao mutismo da língua nas línguas, entre as línguas, o mutismo do vir-à-palavra, ele mesmo sem palavras. Por isso, no final da breve conferência sobre o asilo do exílio, proferida em Veneza, Nancy assinala para como o exílio que é asilo perde seu nome como todos os que estão em exílio perdem seus nomes. E esta perda de nome – do nome “exílio” como *topos* filosófico – talvez seja incontornável porque o exílio-asilo, ou seja, o existir existindo cada um, transitivamente, precede e acompanha ao mesmo tempo todos os nomes, todas as línguas, todos os corpos e vidas em comum. Trata-se da “coexistência muda e sem “nós” de todo do universo”.

Se os exilados e refugiados são, como considerou Arendt, a vanguarda do mundo, é porque eles testemunham essa coexistência *muda* nos pequenos ruídos de múltiplas línguas se dizendo ao mesmo tempo o se dizer da litania dolorosa do mundo. O traço, no entanto, mais marcante desse outro pensamento do exílio que deixa para trás o *topos* da tradição ocidental deixando para trás sobretudo o desejo nostálgico de retorno – retorno para o começo da filosofia, retorno à filosofia dos começos, retorno ao *topos* da existência exilada, é que os milhões de exilados colocam a nu o abandono de ser como “uma condição incontornável para o nosso pensamento e talvez a sua única condição”. Ela coloca a nu que a medida comum, sempre subsistente, comum a todos e a cada um, como cantou Hölderlin, como “a medida do com”, pensada por Nancy, revela um sentido do sem sempre mudo no ser com singular plural: o sentido de *being with the without*, com o sem e sem o com ao mesmo tempo, que discutimos, Nancy e eu desde 2013, o sentido de ser com-sem-com, para lembrar a bela montagem feita em janeiro de 2022 por Héléne Nancy e André Bernold no Centre Pompidou – onde o ser com se mostra a cada vez com-outro-com, tal como já sugeriu Hamacher. O mutismo do *sem*, no entanto, ainda precisa ser pensado. Diferentemente dos discursos sobre a falta, o mutismo do “sem” não remete a significações recalçadas ou recuadas, a perdas e desejos, mas à transitividade do existir se existindo ao existir cada um, colocando a nu o com enquanto um verbo indizível. Talvez a dor e o esgarçamento desse mundo imundo, desse mundo que faz a experiência do exílio do comum quando o exílio se tornou uma experiência comum sem comunidade, coloquem a nu a dor desse verbo indizível vindo à garganta, a litania das gargantas engasgadas sem conseguir dizer “com” como um verbo, o verbo da transitividade do existir.

Referências bibliográficas

CELAN, Paul. MUTA. In: *Die Gedichte aus dem Nachlaß*. Frankfurt/M, 1997.

HAMACHER, Werner. *Mit ohne mit*. Zurique: Diaphanes, 2021.

HÖLDERLIN, Friedrich. *Poemas*. Trad. Paulo Quintela. Lisboa: Relógio d’Água, 1991.

NANCY, Jean-Luc e BAILLY, Jean-Christophe. *La Comparution*. Paris: Christian Bourgois, 1991.

NANCY, Jean-Luc. L'existence exilée. In: *Cahiers Intersignes*, ed. Fethi Benslama, 14-15/2001.

NANCY, Jean-Luc. *A Comunidade inoperada*. Trad. Soraya Guimarães Hoepfner. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

NANCY, Jean-Luc. *Être Singulier Pluriel*. Paris: Galilée, 1996.

NANCY, Jean-Luc. *L'Impératif Catégorique*. Paris: Flammarion, 1983.

NANCY, Jean-Luc. *La communauté affrontée*. Paris: Galilée, 2001.

NANCY, Jean-Luc. *La communauté désavouée*. Paris: Galilée, 2014.

NANCY, Jean-Luc. *Sexistence*. Paris: Galilée, 2017.

SCHUBACK, Márcia de Sá Cavalcante e NANCY, Jean-Luc. *Being with the without*. Stockholm: Axel Books, 2013.

SCHUBACK, Márcia de Sá Cavalcante. *Time in Exile: In Conversation with Heidegger, Blanchot and Clarice Lispector*. New York: SUNY, 2020.

ⁱ **Marcia Sá Cavalcante Schuback** é professora titular de filosofia em Södertörn university, em Estocolmo, Suécia. Entre 1994 e 2000 foi professora adjunta do IFCS/UFRJ. Editou junto com Jean-Luc Nancy *Being with the without* (Axel Books, 2013), *History, today*, dossiê especial de Philosophy Today (Chicago, 2016). Entre suas publicações, *Time in exile: in conversation with Heidegger, Blanchot and Clarice Lispector* (SUNY, 2020), *O fascismo da ambiguidade* (UFRJ: 2021), *Atrás do pensamento, a filosofia de Clarice Lispector* (Bazar do Tempo, 2022). **E-mail:** marcia.cavalcante@sh.se